



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A MÚSICA COMO ELEMENTO DE RESISTÊNCIA ÉTNICO-CULTURAL NO CANDOMBLÉ

Marília Flores Seixas de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mariliaflores@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a música religiosa do candomblé como elemento de resistência cultural e pertencimento étnico, tomando como referência a musicalidade africana que está na base de seu sistema ritualístico. A música afro-brasileira, que tem sido a base rítmica e conceitual de várias correntes musicais, ancora-se secularmente também na música religiosa, seja como inspiração rítmica ou temática.

A musicalidade, os ritmos e as danças são fortes elementos das culturas de matriz africana. Os cânticos de trabalho, que marcavam o ritmo no trabalho coletivo, já eram práticas comuns desde a África, permanecendo como forte mecanismo de resistência após a diáspora forçada do período escravista, tornando-se capitais para a música negra em todas as Américas. Os cantos de trabalho, além de servirem como fonte oral de preservação das memórias coletivas e ancestrais, também eram utilizados para estabelecer ritmos às ações do trabalho forçado, conformando os corpos às adaptações coletivas aos movimentos obrigatórios: atos como capinar, plantar, martelar, cortar, colher ou moer eram ritmados pelas músicas cantadas coletivamente, e esses cânticos se fixavam na memória comunitária. Trabalhar e cantar junto, ritmando coletivamente, eram maneiras que as comunidades tinham de compartilhar suas histórias, comentar o cotidiano, refletir sobre as dificuldades da vida, estabelecer novos vínculos, resistir aos processos de dominação. As músicas cantavam desde histórias do passado ou sonhos de retorno à África-mãe até planos de fuga e outras estratégias de sobrevivência, falando de quilombos e de modos originais de viver. Estas situações foram recorrentes tanto no Brasil – nas lavouras de cana-de-açúcar, nas minas de extração de ouro e diamante, nas fazendas de café – quanto em outras *plantations* das Américas, como atestam os melancólicos *blues*



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

das fazendas de tabaco e algodão no sul dos Estados Unidos¹ (MARTIN, 2010). As músicas populares ou “de massa”, de maneira geral, derivam de práticas surgidas em contextos da escravidão em territórios conquistados por europeus, sendo resultantes de contatos culturais desiguais, baseados na violência e em processos de dominação e resistência (Martin, 2010). Neste sentido, as musicalidades de matrizes africanas, originadas nas sociedades escravagistas, influenciaram todos os fenômenos musicais contemporâneos, sejam na permanência de elementos rítmicos ancestrais ou em sínteses de misturas, sincretismos culturais e inovações decorrentes de modernizações ou de contatos inter-étnicos².

Desta maneira, tanto como instrumento direto de resistência à escravidão (e aos processos posteriores de dominação dela decorrentes), ou em seu aspecto de elemento constituinte da(s) cultura(s) brasileira(s), ou, ainda, de forma mais específica, como elemento de estruturação cultural básica das identidades étnicas afro-brasileiras, a musicalidade de matriz africana não apenas conforma estilos musicais brasileiros (lundum, samba, hip-hop, funk, axé-música etc.), como também influencia a produção musical popular contemporânea como um todo, já que esta resulta de misturas, amálgamas, hibridismos e/ou inovações em que a presença negra se faz contundente.

Nas religiões de matriz africana, sobretudo no candomblé (sejam quais forem as nações³), o ritmo, marcado pelos instrumentos musicais (além dos atabaques sagrados – *rum*, *rumpi* e *lé* –, o agogô e o gã), é acompanhado de cânticos, que se referem ao sistema

¹ Nos Estados Unidos, a música afro foi, p.ex., fundamental aos movimentos de resistência negra em meados do século XX, na luta pelo fim do *apartheid* e pela garantia dos direitos civis. Da música afro-americana nasceu o *blues*, o *jazz*, o *rhythm and blues*, o *soul*, o *rock'n'roll*, o *gospel*, o rap, o *hip-hop* etc.

² Segundo Martin (2010, p. 17), a “história de mestiçagens, de inovação e de criouliização (...) indica, no mínimo, que a generalização de certos fenômenos, entre os quais os fenômenos musicais, em todo o planeta, está ligada ao sistema de dominação e às estratégias de resistência, de acomodação e de poder que esses fenômenos provocaram e continuam a provocar.”

³ Sobre o conceito de nação religiosa, aplicado ao contexto das religiões afro-brasileiras, citamos Vivaldo da Costa Lima (1977): “A nação, portanto, dos antigos africanos na Bahia foi aos poucos perdendo sua conotação política para se transformar num conceito quase exclusivamente teológico. Nação passou a ser, dêsse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia, estes sim, fundados por africanos, angolas, congos, jejes, nagôs – sacerdotes e iniciados de seus antigos cultos, que souberam dar aos grupos que formaram a norma dos ritos e corpo doutrinário que se vêm transmitindo através os tempos e a mudança nos tempos” (LIMA, 1977, p. 21). Também recorremos à explicação de Parés (2007, p. 102), quando especifica que “o conceito de nação ‘religiosa’ ficou estreitamente relacionado com as diversas linhagens ou genealogias da família-de-santo, através das quais ‘a norma dos ritos e o corpo doutrinário’ são, de uma forma ou de outra, transmitidos”.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

mítico-religioso, e obedecem a sequências padronizadas pelas liturgias rituais de cada casa, de forma sistêmica à tradição grupal. Às músicas acompanham as danças, orientadas pelo mesmo sistema mítico-religioso, em que os movimentos têm significados relacionados ao conjunto das narrativas dos orixás, atualizando-se, em gestos, os atos primordiais dos deuses (Eliade, 1972). Em eventos abertos ao público (festividades, obrigações), há, no geral, uma sequência inicial chamada *xirê*, em que são tocados/cantados/dançados repertórios consagrados a cada um dos orixás, numa ordem preestabelecida, de tal forma que, a cada orixá se dedicam cerca de três toques, acompanhadas das danças e cantigas próprias. Após o *xirê*, haverá um segundo momento, em que outras músicas serão executadas, escolhidas e destacadas a partir de elementos variáveis, que dependerão do sentido da festa ou obrigação (por exemplo, a que orixá se dedica), dependerão também dos orixás, voduns ou inquices⁴ que estejam incorporados nos iniciados durante o ritual (as entidades religiosas presentificadas pela incorporação serão homenageadas com toques especialmente dedicados a elas), além de outras definições que podem ser estabelecidas pelas autoridades religiosas em cada circunstância.

METODOLOGIA

Este trabalho surgiu como uma decorrência complementar da pesquisa desenvolvida pela autora durante o pós-doutorado⁵. A partir da pesquisa inicial, que versava sobre narrativas de origem de um centenário terreiro de candomblé do Recôncavo da Bahia, surgiu a questão da musicalidade religiosa de matriz africana como uma temática complementar. Desde então, foram definidos objetivos adicionais, com novas linhas de investigação, resultando na abordagem aqui apresentada, que se baseou sobretudo nas observações de campo e em pesquisa bibliográfica.

⁴ A depender da tradição/nação, cada terreiro ou casa de candomblé se referirá a seus deuses de maneira específica. Por exemplo, entre os nagô / ketu, são chamados orixás; entre os jeje, são nomeados voduns e entre os angola, inquices.

⁵ O Projeto de Pesquisa desenvolvido no pós-doc (entre 2018 e 2019) pela Profa. Dra. Marília Flores Seixas de Oliveira junto ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (POSAFRO-UFBA) foi o “*Estudo das narrativas míticas de origem do Terreiro Icimimó Aganju Didé (Cachoeira/BA)*”.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os processos identitários vinculados às origens africanas são continuamente atualizados na vivência das manifestações culturais rítmicas e musicais das comunidades afro-brasileiras, sobretudo naquelas em que cantar e tocar tambores se associam à temática da ancestralidade, como é o caso do candomblé, em que cada toque especifica um sentido, uma vinculação e uma comunicação imediata com as entidades espirituais e também com os pais e mães-de-santo, os sacerdotes anteriores da casa, em cuja filiação de axé a atualidade se funda. Ancorados por práticas que integram devoção, culinária, dança e música, os rituais religiosos do candomblé requerem um vasto conhecimento que só é possível adquirir-se ao longo do tempo, por um aprendizado processual e lento, acessível apenas pela imersão comunitária, pela vivência cotidiana a partir do contato direto dos mais novos com os mais velhos. A força deste pertencimento ancestral se encontra também ancorada no ritmo, a partir do aprendizado de toques, nos atabaques sagrados que fazem parte dos acervos de arte sacra de cada terreiro e que são percutidos por *ogãs* (homens) que aprendem com os mais velhos até adquirirem a competência de *alabês* (cargos religiosos associados à habilidade dos toques nos três atabaques sagrados – *rum*, *rumpi* e *lé*), aqueles que sabem tocar para os orixás. Observa-se que, em muitas tradições/nações do candomblé, há divisão entre as tarefas e procedimentos a serem realizados por homens e por mulheres, aspectos que são relacionados à estrutura mítica religiosa e que se apoiam na tradição oral. No caso dos tambores sagrados, especificamente, há uma interdição para o contato de mulheres com eles: apenas os *ogãs* (homens) podem tocar os três tambores rituais. Estas interdições relacionadas ao gênero, por outro lado, requerem outros artifícios para o processo de aprendizado rítmico pelas mulheres, como a existência de outros atabaques, não sacralizados, nos acervos dos terreiros, que servem para que meninas e mulheres possam também aprender os toques dos orixás e os ritmos percurssionados pelos tambores. Outros instrumentos, como o *gã* e o *agogô*, podem ser tocados indistintamente, por homens e mulheres.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

CONCLUSÕES

Nos terreiros de candomblé, nos rituais coletivos, nas festas e obrigações públicas, é por meio da música, da dança e da culinária que se realiza a comunicação com o mundo espiritual: para cada orixá, há uma série de músicas (que são tocadas e cantadas pela comunidade) e de ritmos específicos, cada um com seu significado, que determinam as danças, os movimentos, as incorporações sagradas. Com considerável repertório musical, os *alabês* detêm um acervo diversificado de cânticos, toques e ritmos, que revelam um conhecimento esteticamente apurado, construído na prática continuada. Esta bagagem cultural tem servido, historicamente, de alimentação contínua à afirmação identitária de comunidades afro-brasileiras ou afro-religiosas e atuado como elemento central dos processos de resistência étnico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Música Afro-brasileira; Resistência Cultural; Candomblé.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Edson. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

LIMA, Vivaldo da Costa. *A Família-de-Santo nos Candomblés Jeje-Nagô da Bahia: um estudo de relações intragrupais*. Salvador: Pós-Graduação em Ciências Humanas da UFBA, 1977.

LÜHNING, Angela. Música: coração do candomblé. *Revista USP*, 115, setembro, outubro, novembro, 1990. pp. 115 a 124.

MARTIN, Denis-Constant. A herança musical da escravidão. *Tempo*, dez 2010, vol.15, no.29, p.15-41. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v15n29/02.pdf>. Acesso em: 01 de mai. 2019.

NAPOLEÃO, Eduardo. *Vocabulário Yorubá*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

OLIVEIRA, Marília F. S. de; OLIVEIRA, Orlando J. R. de. *Na trilha do caboclo: cultura, saúde e natureza*. Vitória da Conquista, Edições UESB, 2007

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.